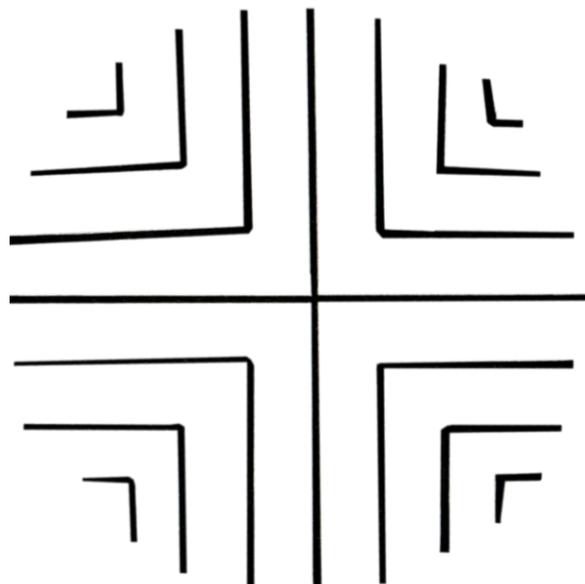




UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
ÁREA: LINGUAGENS E CÓDIGOS

LEANDRA RAMOS OLIVEIRA

KALINA DOS SANTOS



A MARCA PATAJE KASAB DA ALDEIA MANGA

OIAPOQUE-AP

AGOSTO - 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA.

LEANDRA RAMOS OLIVEIRA
KALINA DOS SANTOS

A MARCA PATAJE KASAB DA ALDEIA MANGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção de Grau de Licenciatura do Curso Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, habilitação em Linguagens e Códigos, sob orientação da Prof^a Dr^a Gelsama Mara Ferreira dos Santos.

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, à comunidade da Aldeia Manga, aos nossos colegas da turma 2011.2 e aos nossos professores do Curso Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional.

AGRADECIMENTOS

Os nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas que participaram da produção deste trabalho:

Ao cacique da aldeia Manga, Luciano dos Santos, prof^a Maria Sônia Aniká dos Santos, prof^a Edilena dos Santos, prof^o Dieimison Esfai dos Santos, Manoel Floriano dos Santos, Maria Fatima dos Santos, Maria Raimunda dos Santos da Paixão, Fatima Forte dos Santos, Leôncio dos Santos Oliveira, prof^o Estácio dos Santos e Joel dos Santos.

Agradecemos à nossa comunidade Manga.

Agradecemos aos nossos familiares pela compreensão nos momentos de ausência quando estávamos desenvolvendo o nosso trabalho.

Agradecemos especialmente à dona Veronica dos Santos que contribuiu com seus sábios conhecimentos sobre a nossa cultura e sua rica memória de histórias e cantos relativos às marcas Karipuna.

Ao Edivando dos Santos pelos seus belíssimos desenhos das marcas que estão ilustrados neste trabalho.

RESUMO:

Este trabalho tem o objetivo de documentar, através de vídeo, desenhos e memórias, onze marcas gráficas que identificam o povo Karipuna, especificamente a comunidade da aldeia Manga. Dentre as onze marcas identificadas, nós vamos nos ater à marca *pataje kasab* (beiju cortado) por ter uma relação muito direta com o cotidiano das mulheres, sendo que somente elas podem usar esta marca como pintura corporal. O desenho tem o formato circular de beiju (alimento indígena). O grafismo que forma a marca é desenhado pelas mulheres cortando o beiju em partes. Associado a esta marca, temos o evento que envolve todo o processo de produção do beiju, desde a colheita da raiz, passando pela preparação da massa, até a feitura do beiju. No momento que o beiju está pronto, as mulheres desenham a marca *pataje kasab* no beiju. Todo o evento é acompanhado de cantos e histórias contadas pelas mulheres. As mulheres usam a marca *pataje kasab* estampada no rosto. A marca é encontrada, também, em diversos objetos artesanais que simbolizam os seres sobrenaturais para o pajé, nos maracás, flautas, nas cuias que é servida a bebida caxixi. Esta marca é utilizada nos artesanatos e utensílios domésticos produzidos na aldeia como: cuia, tipiti, peneira fina; e nas bijuterias feitas de miçangas, na pintura corporal utilizando a tinta do jenipapo, urucum e outros tipos de tintas como a utilizada para tingir a cuia. A nossa pesquisa foi desenvolvida na aldeia Manga e aldeia Curipi da etnia Karipuna. O trabalho foi realizado através de informações de moradores mais antigos da aldeia, artesões e pesquisas no Museu Kuahí. Para o povo Karipuna, a marca *pataje kasab* faz parte da sua identidade cultural.

Palavras-Chave: grafismo, karipuna, pataje kasab (beiju cortado), caxixi (bebida tradicional indígena)

HASĀBLE:

Sa thavai gāiē lide dji sehe, ke vidjo, dezēi-iela i lesphui-iela, dji ōze mak ki ka idētxifike pov kahipun, pi jis la komunte dji mang. Lamitā sa ōze mak ki idētxifike, no ke vini mōthe mak pataje kasab (djiviziō dji kasab) pase li lamitā tuleju dji fam-iela, pusa selmā ie puve ize sa mak-la pu pētxihe ie vijas. Sa dezēi-la gāiē fom hō dji un kasab (māje dji ēdjē). Sa mak-la ka fet pa lakos dezēi i sez ki fam-iela ka kupe kasab-la ã pedas. Āsam ke sa mak-la, gāiē tut un thavai āvā sa pu fe kasab, djipi haxe hasin-la, dlila pase pu phepasiō dji fahin-la, juktā no fe kasab-la. Kā kasab-la pahe fam-iela ka fe sa mak pataje kasab la su li. Āsam ke tut sa mohmā-la fam-iela ka kōpāiē ke mizik i ixtua. Fam-iela ka ize sa mak pataje kasab la ie vijaz. No ka kōthe sa mak-la lādā tahot bagaj ki ka fe pa dji bet dji no paje, la mahaká-iela, la sinal-iela, la kui-iela ki no ka siavi buesō kaxihi. Sa mak-la ka fet usi la no fātezi-iela i la no menaj-iela dji no kaz, ki no ka fe la no komunte: kui, kulev, manahe fin; i la no fātezi ki fet dji kolie, la pētxihe dji no ko ke ten jenipa, huku i uot kalite ten, kumā sa ki no ka ize pu ten kui. No thavai fet la komunte dji mang i la komunte dji kuhipi dji pov kahipun. Sa thavai-la fet lasu ifohmasiō dji ghamun-iela ki ka viv la sa komunte-la, i mun ki ka fe thavai thadisional, no sase usi ifohmasiō la Museu Kuahi. Pu pov Kahipun sa mak pataje kasab ka fe pa dji so idētxite i so konetmā-iela.

Pahol-iela: Mak, Kahipun, Pataje kasab, (djiviziō dji kasab), Kaxihi (buesō thadisional dji ēdjē).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. Breve histórico sobre a chegada do povo Karipuna à região do Uaçá	08
1.1. Localização do povo Karipuna do rio Curipi no município do Oiapoque	10
2. Como esse trabalho foi desenvolvido	15
3. A importância das marcas para os Karipuna	15
4. A marca pataje kasab para os Karipuna da aldeia Manga: história e uso	17
4.1 O uso da marca pataje kasab	22
5. As outras marcas	26
6. Considerações finais	51
7. Glossário	52
8. Entrevistados	54
9. Referência bibliográfica	56
10. ANEXO	57

Introdução

O objetivo deste trabalho é documentar, através de vídeo, desenhos e memórias, um conjunto de onze marcas¹ utilizadas pela comunidade da aldeia Manga, enfatizando a marca *pataje kasab* que é considerada uma marca feminina estampada no rosto das mulheres e em alguns objetos², como a cuia, a peneira fina e a flauta usada no ritual do *turé*. Além de registrar as marcas em desenhos, entrevistamos algumas pessoas que conhecem as histórias de origem dessas marcas, os cantos os aspectos mitológicos que permeiam a cultura Karipuna. A marca *pataje kasab* está muito ligada ao trabalho cotidiano das mulheres. O nome *pataje kasab*, na língua Kheul, significa beiju cortado, e indica o momento em que as mulheres cortam o beiju em formas gráficas dando origem a esta marca. A produção da marca *pataje kasab* é o resultado de vários eventos realizados pelas mulheres que se inicia na ida delas para a roça para arrancar a raiz da macaxeira; a produção da massa feita do beiju. Todo o processo é realizado com cantos e histórias cantados e contados pelas mulheres envolvidas no trabalho de fazer o beiju. Registrar esse processo nos fez refletir acerca da produção de conhecimentos significativos para a cultura Karipuna, por isso, o nosso trabalho é mostrar todo o processo de produção desta marca e como ela é utilizada na aldeia Manga.

Esta pesquisa nos provocou uma reflexão acerca das marcas e de seus usos, já que as marcas fazem parte do nosso patrimônio imaterial e é a nossa identidade, nós precisamos preservá-las. Consultar os mais velhos foi uma grande experiência para nós, pois percebemos que as marcas além de sua beleza estética resguardam conhecimentos acerca da nossa mitologia e cultura. As marcas não são somente desenhos decorativos e, para serem usadas é necessário conhecimento dos seus significados e usos.

Na primeira parte do trabalho, apresentamos um breve histórico sobre a chegada do Povo Karipuna na Bacia da região Uaçá. Na segunda, vamos contar como desenvolvemos o nosso trabalho. Na terceira, apresentamos a importância das marcas para o fortalecimento da cultura Karipuna. Na quarta, descrevemos a marca *pataje kasab*, sua origem, como ela é produzida, suas histórias e seus usos. Na quinta parte apresentamos um conjunto de dez

¹ Marca são os grafismos utilizados pelos Karipuna como parte de sua identidade cultural. Até o momento não foram registradas todas as marcas existentes. Durante a nossa pesquisa, nós identificamos vinte e nove Marcas. Para o nosso trabalho, descrevemos onze e ressaltamos uma, a marca *pataje kasab*.

² As Marcas em geral podem ser reproduzidas no corpo através de pintura; em cuias, gravadas ou pintadas; em bancos de madeira, gravado ou pintado; trançados em artefatos de palha, cipó; em ornamentos feitos de miçangas.

marcas, suas histórias, cantos e usos. Na parte anexo, disponibilizamos as dez sessões transcritas para língua Kheul e traduzidas para o Português.

A articulação destes capítulos nos leva a compreender que a marca *pataje kasab* representa o universo feminino e que está estampada em vários objetos de diferentes suportes. Assim, a marca *pataje kasab* é uma forma específica de representação cultural da mitologia Karipuna, caracterizando conhecimentos tradicionais deixados pelos seus antepassados, onde o desenho *pataje kasab* representa para as mulheres a força e a beleza da mulher karipuna.

Este trabalho está dividido em dois formatos:

I - A parte escrita, na qual nós colocamos todas as informações produzidas durante a nossa pesquisa. As transcrições e traduções das entrevistas realizadas com os mais velhos; os desenhos das marcas com suas histórias de origem, cantos e definições.

II – O vídeo sobre a produção da marca *pataje kasab*, com duração de 6min, no qual mostra todo o processo de produção dessa marca desde a colheita da mandioca pelas mulheres, passando pelo ritual de fazer o beiju e o corte do beiju, onde se origina a marca, a história de origem e o canto.

1. Breve histórico sobre a chegada do povo Karipuna à região do Uaçá

Durante a pesquisa, observamos que existem diferentes versões sobre a chegada do povo Karipuna à região do Uaçá. Tassinare (2003), em seu livro “No bom da festa”, nos oferece uma completa história sobre povo Karipuna a partir de suas pesquisas de campo e documentais do século XVII. Segundo Tassinare (2003, p. 16)

O termo Karipuna é usado como autodenominação pelos mesmos, e indica uma identidade de ‘índios misturados’, ‘civilizados’ ou ‘avançados’, que é tanto atribuída como assumida pelas famílias Karipuna. A noção de “mistura” expressa pelas famílias refere-se à sua origem heterogênea, bem como às constantes alianças que estabelecem com indivíduos ou famílias estrangeiras.

De acordo com Vidal (2009, p. 17),

Os Karipuna são uma população bastante heterogênea do ponto de vista étnico. Famílias provenientes das missões portuguesas, falantes da língua geral do Amazonas, denominadas Tapouyes pelos franceses, que provavelmente também estiveram aldeadas em missões no litoral da Guiana, percorrem ao longo do século XIX a costa do Amapá até atingir o Baixo Oiapoque. Também são nomeadas

Garipons e Caripounes pelos viajantes do século XIX que as encontram nos rios Uanarri, Curipi e Uaçá. São identificados como Karipuna pela Comissão Rondon, que visitou a região em 1927. Hoje, ocupam o rio Curipi em quatro aldeias maiores e inúmeras localidades, inclusive cinco aldeias ao longo da BR-156, sendo dois antigos postos de vigilância.

Neste trabalho, além das referências citadas acima, entrevistamos pessoas da nossa comunidade, que têm um grande conhecimento da nossa história e diferentes versões, para contribuir com mais informações sobre a história dos Karipuna da aldeia Manga.

Em entrevista com o Sr. Manuel Floriano, ele nos contou que, por volta de 1940, um senhor chamado seu “Coco”, morador da aldeia Espírito Santo, construiu uma grande casa em uma ilha que deu o nome de barracão e ali construiu o seu comércio. Conta que deu o nome de Isabel para sua primeira filha e, em homenagem a ela, seu “Coco” deu o nome da aldeia de Santa Isabel, que hoje fica próxima à aldeia Espírito Santo.

Segundo relatos de alguns moradores, muitas famílias mudaram para a nova aldeia em busca de trabalho e com isso a aldeia cresceu rapidamente. A população foi aumentando, as roças foram ficando mais distante e as famílias se deslocavam ao longo do rio Curipi à procura de terras férteis para fazerem suas roças, para obter farinha e frutos, que eram a base de alimentação do povo Karipuna. Seu Manoel Floriano relata que a aldeia Manga foi fundada no ano de 1973 pelo seu Florêncio, acompanhado de sua esposa, filhos e genros. Os motivos que os levaram a fixar moradia neste local foram às buscas por áreas de terras firmes e produtivas que serviriam para a abertura de roças. Essas informações foram confirmadas pelo seu Joel dos Santos, neto de seu Florêncio que relatou que, no local da antiga roça da família, nas proximidades da aldeia Santa Isabel, havia muitas formigas, um dos motivos que os fizeram sair do lugar. Segundo relato do seu Floriano:

“Primeiramente construíram um *karbe* (casa de palha pequena onde se faz farinha), na ilha Januel (nome da ilha em patuá onde ficaram), nome dado devido ao antigo morador da ilha que fica a 200 metros da atual aldeia. O *karbe* foi construído porque precisavam passar a noite no local, já que a aldeia onde moravam ficava distante. Após um ano construíram um outro *karbe* do outro lado da ilha Januel, o que é hoje a aldeia Manga. No início, cada família foi construindo sua casa em pontos extremos da comunidade. Os primeiros moradores da aldeia Manga foram ocupando o espaço, o seu Mauricio, Faiéco moravam em um ponto chamado de Bambuzal, local onde tinha três touceiras de bambu, ainda hoje encontramos

alguns³; seu Manoel e seu Ivã moravam num ponto chamado de Bebén. O seu Florêncio, que foi o primeiro morador da aldeia Manga, morou com seus familiares na ilha Januel mais ou menos uns quatro anos antes de vim morar definitivamente na aldeia atual”.

Já, segundo o seu Leôncio, fiscal da escola Jorge Iaparrá, o nome da aldeia Manga é devido a uma grande árvore de mangueira que tinham na beira do rio. Os mais antigos contam que os caroços foram jogados por pescadores que passaram no rio. Hoje as mangueiras não estão mais lá, foram derrubadas para construção de casas.

Na entrevista com o professor Estácio dos Santos⁴, ele nos relata mais sobre a língua que hoje nós, os Karipuna da aldeia Manga, utilizamos. O professor Estácio fala que, segundo relatos de jesuítas, a Amazônia teve uma grande pressão de ocupação territorial na época colonial e que nesse período os Karipuna se refugiaram para o Norte do país, chegaram ao Amapá, depois atravessaram o Cabo Orange chegando à Guiana Francesa. Depois retornaram para o Amapá à procura de lugar para se esconderem e sobreviverem. Eles passaram o rio Uaçá e entraram no rio Curipi onde habitaram por um tempo a localidade do Karipuna, onde passava muita gente por lá que exploravam na época o Pau Rosa como os franceses e os creolos como os Samacás, e também os ingleses que exploravam ouro. Dentre esses povos tinham os franceses e os creolos juntos e a língua que predominava nessa época era o Kheuol, língua falada pelos Saramacás que logo os ingleses e os franceses também passaram a falar. Nesse processo de contato, os Karipuna passaram a se envolver no sistema, na organização econômica e social. Desde que os Karipuna vieram do Karipurar, organizaram-se e criaram a comunidade Jõdef, depois Benoá, onde o grupo já era grande e bem organizado. Nesse período havia muita pressão por causa da exploração do ouro, então os Karipuna se dividiram, uma parte fugiu para ao longo do parque do Tumucumaque e outra parte ficou e sobreviveu à luta dos franceses com os portugueses nas disputas das terras. Os Karipuna continuaram realizando o comércio entre Ouanahi, Oiapoque, Kaiene fazendo muitas vendas de couro de jacaré e com isso ficou a exploração baseada na língua Kheuol. Então a língua Kheuol ficou predominante e os Karipuna ficaram falando a língua Kheuol esquecendo o Nheengatu, mesmo que, por exemplo, hoje alguns Karipuna ainda falam o Nheengatu nas ladainhas, *potá* (cânticos de cura, assopro), cantos da nossa dança tradicional *turé*. Durante o processo de busca de um lugar seguro, os Karipuna foram vítimas de uma

³ Ver mapa figura 2

⁴ Licenciado pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – área Linguagens e Códigos

grande epidemia de sarampo que dizimou boa parte da população, motivo pelo qual os levou a voltar para o rio Curipi onde se encontram até hoje.

1.1. Localização do povo Karipuna do rio Curipi no município do Oiapoque

Os povos indígenas Karipuna estão localizados na Terra Indígena Uaçá, ao norte do Amapá, distribuídos em três grandes aldeias: Manga, Santa Isabel e Espírito Santo; em outras aldeias menores ao longo do rio Curipi: Encruzo Açaizal, Jõdef, Taminã, Txipidõ, Pakapua, Paixubal, Bastiõ, Zacarias, Benoa e Japiim com pequenos grupos familiares; cinco aldeias à margem da BR 156: Aldeia Piquiá no Km 40, Aldeia Curipi no Km 50, Aldeia Cariá no Km 60, Aldeia Arrumã no Km 68 e a Aldeia Estrela no Km 70; e finalmente a aldeia Uahá no igarapé Juminã.

Os Karipuna mantêm estreito contato entre os outros povos que habitam a mesma região, sendo eles: Galibi Marworno, Palikur e Galibi Kali'nã. Atualmente a população Karipuna é de aproximadamente 3.225⁵ pessoas falantes da língua Kheuol e Português.

⁵ Segundo sr. Luciano, cacique da aldeia Manga. Não encontramos informações dos órgãos oficiais acerca do número exato da população Karipuna.

A aldeia Manga está localizada à margem esquerda do rio Curipi a 6 km da BR 156 e a uma distância de 24 km do município de Oiapoque. Atualmente a população da aldeia Manga é de 910 (novecentos e dez) habitantes. Abaixo, na figura 1, apresento um mapa com a Terra Indígena Uaçá.

Figura 1 - Terra Indígena Uaçá

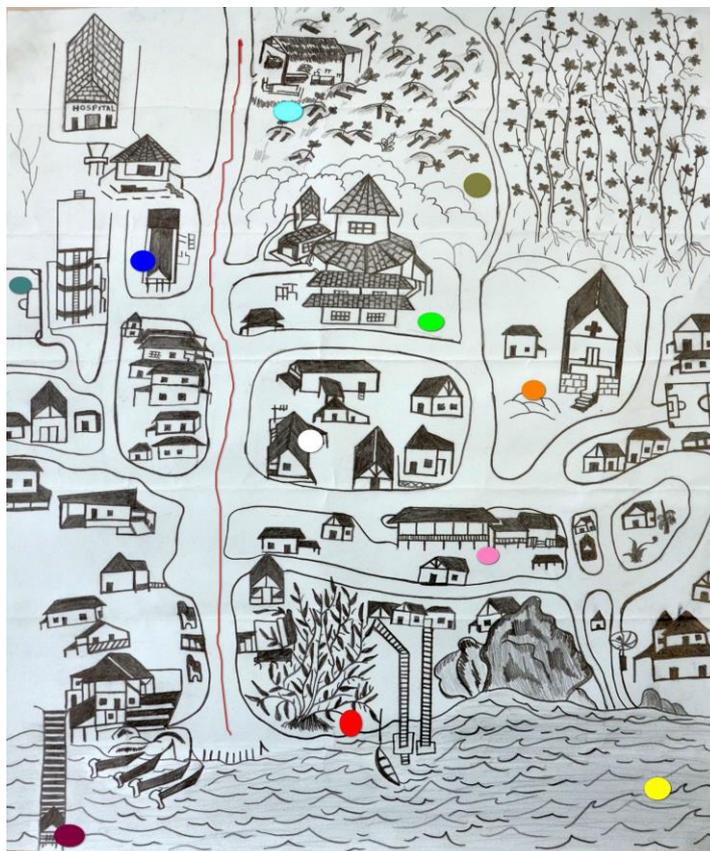


Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br/area-de-atuacao/povos-indigenas/> acessado em 14/12/2016⁶

⁶ Figura modificada para uma melhor explicação.

Na figura 3, abaixo, a reprodução do espaço central da aldeia Manga. Apresentamos com legendas os principais espaços da nossa aldeia:

Figura 3 – Mapa da aldeia Manga



Desenho: Edivando dos Santos

Legendas

- | | |
|---|--------------------|
| Carbe (casa de farinha) | Igreja católica |
| Escola Indígena Estadual Jorge Iaparra (estrutura de madeira) | Centro comunitário |
| Roça | Toceira de bambu |
| Escola Indígena Estadual Jorge Iaparra (estrutura de alvenaria) | Captação de água |
| Campo de futebol | Rio Curipi |
| | Enfermaria |

2. Como este trabalho foi desenvolvido

Este trabalho envolveu muita pesquisa de campo. Primeiro foram produzidos os desenhos e, a partir dos desenhos, nós consultamos pessoas que tem conhecimento aprofundado sobre as marcas para nos contarem sobre o aparecimento e produção dessas marcas dentro da cultura Karipuna. A pesquisa foi desenvolvida com 06 moradores da aldeia Manga, localizada à margem do Rio Curipi na região Uaçá; Manoel Floriano dos Santos, 62 anos, Joel dos Santos, 55 anos, Leôncio dos Santos, 54 anos, prof^o Estácio dos Santos, 48 anos, Fatima Forte dos Santos, 54 anos, Maria Raimunda dos Santos da Paixão, 62 anos e dona Veronica dos Santos Karipuna, 72 anos, moradora da aldeia Curipi, localizada à margem esquerda da BR156. Como resultado final, foram feitos 29 desenhos das diferentes marcas; 56:07 min de gravação em vídeo. Desse total, foram transcritos 38:81min em língua Kheuol e traduzidos para o Português no programa ELAN⁸; 1h02 de áudio, desse total foram transcritos 18:07 min no programa ELAN; 125 fotos sobre o processo de produção da marca *pataje kasab*.

As filmagens foram realizadas com Dona Veronica na aldeia Curipi. A estratégia utilizada foi apresentar os desenhos das marcas e ela ia contando sobre cada marca, as histórias relacionadas às marcas, os cantos, como elas são produzidas, quem e como devem ser usadas.

Depois de gravados os áudios e vídeos, passamos para a fase de tratamento dos dados. Transcrevemos e traduzimos utilizando o programa ELAN. A partir do material transcrito e traduzido organizando o texto relacionando cada desenho com as suas informações relativas. Colocamos em anexo dez sessões transcritas em língua Kheuol e traduzidas para o Português.

3. A importancia das marcas para os Karipuna

A pintura corporal é um bem cultural de grande valor para a etnia Karipuna, ela representa o sobrenatural, a nossa origem e a nossa identidade. A marca nos faz lembrar que somos Karipuna.

⁸ Programa multimídia que permite o uso de áudio ou vídeo, usado para transcrever e traduzir eventos de fala. Foi criado pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands.

Segundo o professor Estácio, as marcas indígenas são códigos que nós encontramos nos animais, nas matas e nas montanhas, e que servem para nos comunicar com o mundo espiritual. Existem marcas que transmitem o conhecimento, organização e união, e são expressas em objetos, como os feitos de trançados de cipó e palha, e cuias, etc. Existem outras marcas que são expressas nos animais, como as exibidas no couro das cobras, das onças, dos peixes. Nessas marcas, a gente tem como espírito, como complemento da nossa história, o que faz lembrar que somos indígenas, pessoas da floresta que têm conhecimentos do mundo espiritual.

As marcas estão intimamente ligadas a nossa vida cotidiana, pois são elas que dão sentido à vida na comunidade indígena. Todas as marcas feitas, seja no corpo, nos objetos e artesanatos em geral, fazem parte dos nossos mitos, crenças, anseios e lutas diárias. Além disso, elas trazem na sua essência um exemplo de perfeição, habilidade com diferentes significados, propocionando ao povo Karipuna uma beleza única, no corpo, nos utensílios, artesanatos de uso cotidiano. Por tudo isso, as marcas para o povo Karipuna não são apenas formas geométricas sem nenhum significado, mas sim um bem material e imaterial que se fortalece a cada geração, sempre inovando apartir das marcas mais antigas que sempre serão de grande importância para a identificação e conhecimento deste povo.

Dona Veronica, pajé da aldeia Curipi, em entrevista sobre as marcas utilizadas na aldeia Manga, contou-nos que as marcas surgem a partir do sonho do pajé, onde os *karuãnas*⁹ ensinam como as marcas devem ser feitas e onde elas podem ser usadas. Somente os pajés têm o dom de ver os *karuãnas*. O pajé, junto com as pessoas envolvidas na preparação do *turé*¹⁰, preparam o espaço chamado de *laku*, que é um cercado feito de varas, enfeitadas com penas de aves, algodão e cordas para realizar o *turé*. Dentro do *laku* ficam os mastros e os bancos que servem para as pessoas sentarem. Esse processo é feito em uma semana antes da festa. No dia da cerimônia, as pessoas se pintam com as diferentes marcas, definidas pelos *karuãnas*, através do sonho do pajé, feitas de tinta de jenipapo e urucum e enfeitam-se com colares e pulseiras feitos de sementes, miçangas e penas de diferentes aves; com *koka* feito de cipó e penas ou *koka* feito somente de algodão; com *butxie* feito de fios de algodão

⁹ são bichos muito fortes e grandes que vem de outro mundo de outro tempo, que vem da mata, rios, mares, igarapés, cachoeiras e montanhas, que são seres invisíveis (cobra grande, curupira, *hoho* (espírito anão), sereias, poraquê, etc.), são os donos das marcas. Tem muitos kahuãnas que gostam do cheiro do sangue humano e outros não gostam.

¹⁰ *Turé* é uma festa indígena de agradecimentos aos seres sobrenaturais que são os kahuãnas, o *turé* principal é feito geralmente nos dias de lua cheia, mas ele pode ser realizado também em outros eventos na comunidade.

preenchidos de miçangas e asas de *mamã-solei* (besouro conhecido como mãe-de-sol) com o qual as mulheres amarram na ponta da trança do cabelo e tem um som de chocalho; os homens se vestem com *kalêbe* vestimenta feita de pano na cor vermelha; as mulheres usam saias feitas de pano na cor verde e blusas brancas que podem ser vermelhas para as senhoras; as jovens usam sutiã de cuia. Durante a festa, o pajé canta ao som de flautas feitas de bambu, as pessoas dançam e bebem caxixi durante a festa para homenagear os *karuãnas*.

Como já dissemos acima, durante o trabalho de pesquisa identificamos onze marcas, dessas onze, vamos focalizar nossa pesquisa na marca *pataje kasab*. Na parte três desse trabalho, vamos apresentar as dez, que são: *Mak Dãdlo* (marca da maresia ou dentes d'água), *Mak Gho Kuahi* (marca do croari grande), *Txi Kuahi* (marca do croari pequeno), *Mak Kulev* (marca da cobra sucuri), *Kai Totxi* (marca do casco do jabuti), *Mak Kai Atxipa* (marca escama de tamatá), *Mak Kai Txuhi* (marca da escama do pirarucu), *Mak Ahukamã* (marca da estrela d' alva), *Mak Mõtãi Kajahi* (marca da montanha kajari), *Mak Papiõ* (marca da borboleta).

4. A marca *pataje kasab* para os Karipuna da aldeia Manga: história e uso

Na história da marca *pataje kasab*, conta-se que ela surgiu junto com o canto da bebida caxixi que é feita de beiju de mandioca e batata-doce que, depois de feito, é misturado com água e caldo de cana-de açúcar e colocada dentro de um pote de barro coberto com folhas de bananeiras para o processo de fermentação. Depois de dois dias, a bebida é coada numa peneira fina feita de tala de *acitá*¹¹ e depois é servida na cuia para as pessoas durante o *turé*, mutirões, reuniões e assembleias. O cântico do caxixi é cantado pelo pajé na abertura do *turé*, onde ele convida todos os *karuãnas* para participar e tomar o caxixi.

Dona Veronica, em entrevista nos apresentou o canto do caxixi. Este canto é realizado em uma língua que não é o Kheuol. Ainda não pesquisamos sobre essa língua, todos se referem a ela como uma possivelmente língua originária dos nossos antepassados.

***Xãte Dji Kaxihi* (canto do caxixi)**

ueium taporomõ umm

aeio taporomõ umm

¹¹ Um tipo de cipó originário da nossa região, muito usado na confecção de objetos de uso doméstico como: peneira, tipitxi, abano e pakará (cesto usado pelo pajé para colocar seus objetos de uso).

tutain narã ã tunã ããã
ôôô eioôô taporomõ umm
ueio taporomõ umm na tunã ãã
tutain nairã ãã...

Após executar o canto, dona Veronica nos dá uma tradução livre das palavras do canto, algumas delas não são possíveis de serem traduzidas porque é uma mistura de palavras na língua Kheul com palavras de outras línguas, que no momento só conseguimos identificar a língua Galibi Kalinhã¹² que pertence à família linguística karib:

A kōsa no ka xāte, a dolo no ka dolo kaxihi-la
É assim nosso canto, e cantar que nós estamos cantando para o caxixi,
taporomõ a no ja,
taporomõ é o nosso pote,
tunã¹³ a djilo,
tunã é a água,
ueio¹⁴ a solei,
ueio é o sol,
Ëbe sa no ka dolo la no dāse, dji pataje kasab.

Então é isso que nós cantamos na nossa dança, da divisão do beiju.

Ainda em entrevista com dona Veronica, ela nos disse que é no sonho do pajé que os *karuãnas* mostram como se faz o corte do beiju, que é feito de uma forma bem detalhada para fazer o caxixi. O momento de preparo dessa bebida tem muitas restrições, é feito somente pelas mulheres. As mulheres que estiverem no período menstrual não podem fazer o preparo da bebida, porque, segundo dona Veronica, a bebida não fermenta. O momento de preparação do caxixi é um momento muito sério, todos devem respeitar a hora em que as mulheres estão preparando o caxixi.

¹² Grupo indígena pertencente à Terra Indígena Galibi, falante da língua Galibi que pertence à família linguística Karib.

¹³ Segundo a professora Mara Santos, a palavra *tunã* é de origem da família linguística Karib, significa água.

¹⁴ Em uma lista de palavras Carib de 1617 feita por Mocquet em Tassinari (2003 – pag 118) encontramos a palavra – ouayou = sol.

Todo o processo de produção do caxixi é feito somente por mulheres, a partir da colheita da mandioca na roça e de todos os outros ingredientes usados na preparação da bebida, como: *khãmãio*k (macaxeira), *napi dus* (batata doce), *nãñã* (abacaxi), *kan* (cana).

As fotos abaixo mostram o momento que as mulheres estão na roça colhendo a mandioca.



Foto 01: Mulheres na roça colhendo macaxeira.
Fonte: Leandra Ramos Oliveira



Foto 02: ingredientes do caxixi batata doce e cana
Fonte: Leandra Ramos Oliveira

Após colherem as raízes, elas vão para o *karbe* (casa de farinha), onde fazem o preparo de todos os ingredientes para fazer a mistura da qual vai ser preparado o beiju.



Foto 03: mulheres descascando a mandioca
Fonte: Leandra Ramos Oliveira



Foto 04: espremendo a massa.
Fonte: Leandra Ramos Oliveira



Foto 05: coando a massa
Fonte: Kalina dos Santos



Foto 06: fazendo o beju
Fonte: Kalina dos Santos

Depois do beju feito, duas mulheres dividem o beju com *fakai* (tarubá objeto feito de madeira), formando a marca *pataje kasab*.



Foto 07: Pataje Kasab- divisão do beju
Fonte: Kalina dos Santos



Foto 08: Pataje Kasab – divisão do beju
Fonte: Kalina dos Santos

Depois de cortado, as partes são misturadas com caldo de cana e massa de batata doce.



Foto 09: mulheres fazendo a mistura
Fonte: Leandra Ramos Oliveira



Foto 10: mulheres fazendo a mistura
Fonte: Leandra Ramos Oliveira

Depois de três dias o caxixi está pronto para ser consumido.



Foto 11: o caxixi sendo consumido
Foto: Leandra Ramos Oliveira

“Foram os pajés de antigamente que ensinaram para nós, que os karuãnas mostraram para eles essa marca do beiju”. (Dona Veronica dos Santos, 2015).

A marca do beiju é uma marca feminina, específica, feita no rosto da mulher, representando sua força e beleza. Quando o grafismo é desenhado ou pintado em diferentes suportes, passa a fazer parte do cotidiano indígena; na dança, é usado como agradecimento e homenagem aos *karuãnas*; nos objetos artesanais ou domésticos, é uma forma de mostrar a cultura karipuna. As pinturas corporais foram repassadas aos índios pelo pajé a pedido dos *karuãnas* que também ensinaram como preparar as tintas e os locais de pintura no corpo.

4.1 O uso da marca *pataje kasab*

A marca *pataje kasab*, como já explicamos acima, é usada somente pelas mulheres, crianças, jovens ou idosas, principalmente no rosto para destacar a beleza e a força da mulher.

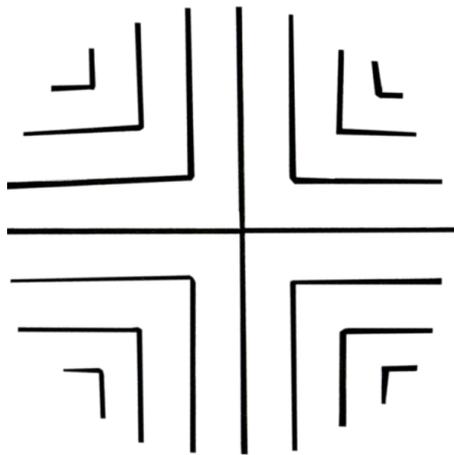


Figura 03: Marca: *pataje kasab*
Fonte: desenho Edivando Iaparrá dos Santos



Foto 12: Marca: *pataje kasab* no rosto da mulher
Foto: Leandra Ramos Oliveira

Hoje, as jovens já a utilizam em outras partes do corpo, tais como no braço, na barriga e nas pernas. Ela é feita também nos objetos como: peneira fina, flauta, cuia, pulseira e maracá.

Aqui vamos apresentar a marca *pataje kasab* nos objetos de uso diários.

PENEIRA FINA

A peneira fina é confeccionada de tala de *acitá*, um tipo de cipó da nossa região, produzida pelas pessoas mais idosas. Algumas talas da peneira são pintadas com tintas tiradas da casca de uma árvore conhecida como *xixi* e também com fuligem para dar a cor preta e que é tirada da parte externa do fundo do forno de fazer farinha. A peneira, um utensílio usado pelas mulheres karipuna, é utilizada para espremer a massa da mandioca como forma de extrair o tucupi, além de ser utilizada para coar açáí, bacaba e caxixi. Outro fato curioso é que a marca *pataje kasab* é feita no centro da peneira fina para que ela fique mais bonita e resistente.



Foto 12: Peneira fina com a marca *pataje kasab*
Fonte: Kalina dos Santos

A FLAUTA *SINAL*

A flauta *sinal* é usada para acompanhar o pajé quando ele canta durante o *turé*. Ela é feita de um tipo de bambu tirado da beira do igarapé. Ela é produzida pelos homens um dia antes da festa do *turé* e, depois de feita, é deixada na água para que ela não murche. É usada somente pelos homens que acompanham o canto do pajé. A marca *pataje kasab* é feita nos lados da flauta para que ela fique mais bonita.



Foto 13: flauta *sinal* com a marca *pataje kasab*
Fonte: Edivando Iaparrá dos Santos

A CUIA

A cuia é um objeto de muitas utilidades na vida cotidiana dos moradores da aldeia Manga. Ela é utilizada para servir: caxixe, chibé, tacaca, água, mingau, açai, tirar farinha do forno, se jogar água na hora do banho. A cuia é confeccionada da cabaça madura. O fruto da

cuieira demora cinco meses para amadurecer, após esse período, a artesã vai até o pé da cuieira e dar uma batida com a mão na cuia para ver se está madura, se fizer um som leve e suave, e se a casca estiver amarelada, ela está pronta para ser colhida. A partir daí, começa o processo de produção da cuia. A artesã colhe a cuia e divide-a ao meio com uma serra pequena ou uma faca velha. Depois tira a massa e raspa por dentro com uma colher para ficar bem lisa por dentro. Depois disso, já pode gravar e pintar a marca que quiser. Após fazer as marcas, é necessário de uns três dias para que a cuia seja tinginda pela tinta e o processo é feito por vários dias até se obter a cor ideal. Esse procedimento com a tinta é repetido três vezes ao dia, quando finalmente a cuia é colocada emborcada dentro de uma bacia ou cruatá¹⁵ cheia de terra e cinza. Durante um mês, mais ou menos, todas as manhãs, a terra é molhada com urina do dia anterior para que a tinta fique bem fixa e brilhosa e durar mais tempo. Quando a cuia ficar bem preta, ela está pronta para ser usada. A cuia tem um significado muito importante para os povos indígenas da aldeia Manga porque ela tem um valor espiritual que é respeitado no momento de fazer o tingimento onde as mulheres que estão no período menstrual não podem pintar e nem ficar perto de onde elas estão sendo feitas. Os mais velhos dizem que as mulheres que estão grávidas devem comer utilizando a cuia como prato para que a criança tenha a cabeça bem redonda.

A marca *pataje kasab* é desenhada ao redor da cuia.



Foto14: Marca *pataje kasab* feito na cuia
Fonte: Leandra Ramos Oliveira

¹⁵ Espata de palmeira – Bainha da folha de palmeira (inajá ou babaçu) utilizada como recipiente para fins culinários e outros fins. (Dicionário do artesanato indígena - Berta Ribeiro. 1988. Editora Itatiaia limitada – Belo Horizonte. pag, 274.

PULSEIRA DE MIÇANGA

A marca *pataje kasab* aparece, também, nos adereços feitos de miçangas. O adereço que mais aparece a marca *pataje kasab* é a pulseira que pode ser confeccionada por mulheres e homens, podendo ser utilizadas diferentes cores e tamanhos de miçangas. Ela é usada como adorno corporal na hora da dança do *turé* ou no dia-a-dia.

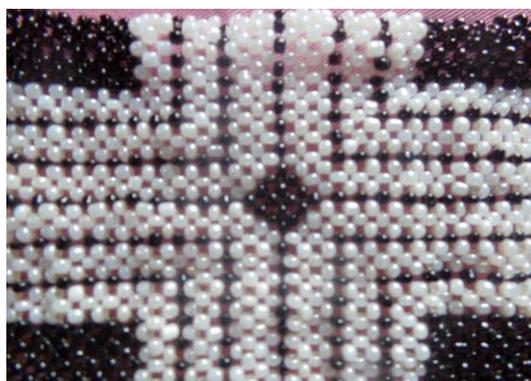


Foto15: pulseira confeccionada com a marca *pataje kasab*
Fonte: Kalina dos Santos

MAHAKA (MARACÁ)

O *mahaka* (maracá) é feito também de um tipo de cabaça da mesma espécie da cuia, o que o diferencia é o formato alongado. Para confeccionar o maracá, é preciso que se pegue um fruto maduro do pé da cuieira, serre um pequeno buraco na parte de cima e outro na parte de baixo. Depois disso, coloca-o de molho dentro de algum objeto com água para amolecer a massa de dentro. Após três dias, retira-se toda a massa de dentro, deixa secar por dois dias, depois começa o processo de tingimento, que é o mesmo da cuia descrito acima. Depois de seu tingimento, a marca é gravada com uma serra fina ou uma faca de ponta fina. Depois de tudo, colocam-se as sementes ou miçangas dentro do maracá para fazer o som e no final, o cabo. Além disso, enfeita-se o maracá com penas de aves para que ele fique bonito. Depois de pronto, o maracá dá o ritmo ao cântico do pajé, na dança do *turé* é nos *chitótó* (um tipo de cantarola feito pelo pajé).



Foto16: maracá confeccionado com a marca pataje kasab
Fonte: Kalina dos Santos

Dona Veronica preocupada em preservar a nossa cultura, deixa um depoimento sobre a importância de preservarmos os conhecimentos dos mais velhos. Aqui transcrevemos um trecho do seu desabafo:

“...como tu, eu acabei de falar como é que surgiu essa bebida, essa marca do caxixi...então foi os antepassado, os pajés de muito antigamente, não é de hoje não, esse aí, que ficou dessa marca, que ele sonhou com os *karuãn* deles que repassou essa marca pra gente. Hoje em dia, a gente ta sabendo dos Karipuna que passou pra ficar pros netos do que ficou pra gente saber da marca do caxixi, do beiju dos *karuãn*, que passou pra gente, né?”

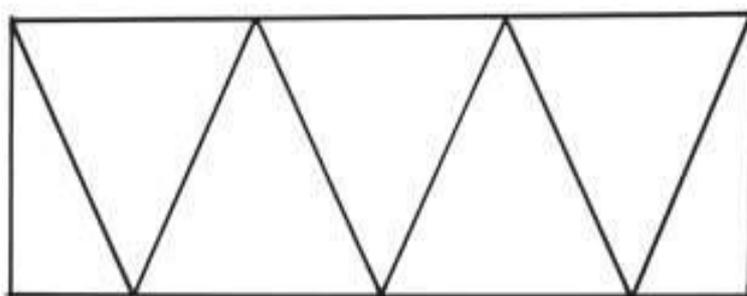
Dos pajés de antigamente, não é de hoje não, isso surgiu dos pajés, dos *karuãn*, dos *karuãn* que passou pra gente, pelos pajés, repassou pra gente.... passaram para os pajés, aí que a gente fico sabendo pra fazer as marcas no rosto, como é pra pintar, como é pra passar as marcas, pra poder ficar a gente sabendo, isso é de muito tempo que os avós, antepassados passou pra gente, os pajés.”

5. As outras marcas

As marcas Karipuna são muito importantes para afirmar a nossa identidade cultural. Elas estão no corpo e nos objetos de uso diários da comunidade. Elas podem ser agregadas formando outras marcas. O uso das marcas mostra o respeito com a natureza e com a cosmologia indígena.

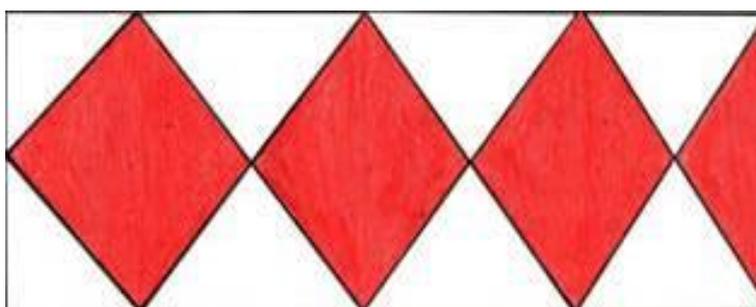
Os Karipuna usam essas marcas para decorar paredes de casas como, centro comunitário, paredes de escolas e igrejas católicas. Na festa do *turé* e nas datas comemorativas, as pessoas fazem essas marcas em qualquer parte do corpo, com cores extraídas de produtos naturais, tais como o urucum, jenipapo e o carvão.

I- *Mak Dãdlo* (marca da maresia ou dentes d'água)



Este nome é referente ao desenho feito na água quando está ventando, as ondas formadas nas águas dos rios e mares. É uma marca muito comum entre os Karipuna, ela é usada em diferentes partes do corpo nas cores vermelho e preto, em diferentes artefatos que fazem parte da cerimônia do *turé*, e em vários objetos e trançados de uso doméstico do dia a dia como: cuia, peneira, tipiti, abanos; e adornos como: pulseiras, colares e anéis. Este formato está presente no corte das penas de aves que servem para enfeitar *koka*, flechas e maracás.

II - *Mak Gho Kuahi* (marca do croari grande)



A marca *gho kuahi* surgiu da pintura do *aramari*, uma cobra grande e perigosa que comia as pessoas que passavam perto do poço chamado de Miriti, que fica abaixo da aldeia Espirito Santo no rio Curipi onde a cobra morava.

O nome *kuahi* é o mesmo nome dado ao peixe, por causa do formato. O peixe *kuahi* vive em campos de áreas alagadas e nos rios. A marca *gho kuahi* é usada em diferentes artefatos que fazem parte da cerimônia do *turé* e em vários objetos e trançados de uso doméstico do dia a dia, ao saber: cuia, peneira, tipiti, abanos, pano e *pakaha*; e adornos como: pulseiras, colares e anéis. Este formato, assim como a *mak dādlo*, está presente no corte das penas de aves que servem para enfeitar o *koka*, flechas e maracás. Ela é usada, também, em diferentes partes do corpo nas cores vermelho e preto, tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

Dona Veronica nos contou a história da cobra do poço de Miriti.

***Ixtua dji kulev dji basē Bax*¹⁶ (em Kheuol)**

Te gāiē un kulev ki te ka vale mun ki te kale, la ie fe un ghā ximē pate pu mete kãnũ dji uot bo, pa teka pa pase, la gāiē un pajé dji laba dji uot bo, li vini, pase la buxu.

– Ie dji: kote u kale?

Lādã un gho kanũ i kale i dji i kale laho kote defē Acen.

– Ie dji: há!, u pa ka pase.

– Li dji: kumã, mo ke pase.

– Ie kose: pase gāiē un kulev, kã u ke hive tel kote, gaiē un kulev ki ka vale mun.

I dji ēbe i kale, la li vinĩ, la mahe gho, li vini, kã li hive laho dji Anaoha li save ki li phox deha i pase djivã cãnũ, fe so sigal kã i hive djivã base bax, li asi djivã cãnũ, mun-iela ka pagai, li hive, li ue kãnũ kote mun-iela te ka desan patê, ie ale kã ie hive la base bax gho kuhã-la kase divã ie kanũ i kase, i hē tihe sigal-la so bux li voie biē ladã kote i ka kase, finĩ kuhã duble kase ie pase, ie vinĩ, hive la kote defē Asen.

– Ie dji: kumã u fe pase?

– i dji: mo pase, mo pa ue aiē, mo ue un txi kuhã duble.

– La li dji: ēbe asue ie ke fe sigal pu mo.

Ēbe asue ie hive, fe sigal, i xãte, voie sase kulev-la.

¹⁶ Narrada por Sr. Manoel Floriano; transcrito e traduzido por Kalina dos Santos (vídeo 00:04:35 min).

–Li dji: ali ki kale ke mun.

La li koze ke mun-iela ki te la, i dumãde se ie le hãje kote-la

– Ie dji: ue

I xãte, i xãte juk ta moso voie kulev-la ale so ximẽ, i ale, i pajé dji ie djimẽ bomãtẽ pui ie pote li laba la basẽ bax, ie ale, hive laba kã hive biẽ lãdã basẽ-la li phã so sigal, so txi pakha ãba so bha.

– Li dji: zot puve tonẽ kã mo ke vole zot ke tãde un thẽ ãba kajahi un lohaj, La ie tonẽ, li vole la dlo, this. Kã ie hive bai bodji asue, ie tãde thẽ-la bola a txi kho lohaj move tã li ale phui kulev-la laba li vihe so tet metel pa hãba kajahi, li lese hẽ latxo-la sa ka hẽ fe sa txi kuhã-la duble la i pa puve vihe , i phui, tatxel.

– Li dji:djimẽ,bomãtẽ mo ka hive

– Ie dji: kumã sa bonõn ke vini?

Bomãtẽ bono kã bai uite, ie ale obo lahivie ke gade i ka vin biẽ la mitã lahivie ke so pakha la so kuhun la sotet i ka fimẽ ke so sigal ,kã i hive la dekha i ate kõsa mui-iela ka gade i phã so sigal i voie la dlo i desan dji ie bõju ka maxe la su dlo la kõsi li lasu late.

– Ie dumãde: lasu kisa u te ka maxe

–Li dji:lasu mãgui mo vinĩ, zot pa ue mãgu-la?

–Ie repon: kote pa eu.

Pase un de ju li ale, pu juk jodla.

História da cobra do poço do Miriti (em Português)

Tinha uma cobra que engolia as pessoas que passavam em frente ao rio. Aí eles fizeram um grande caminho por terra pra colocar canoa do outro lado se não, não passava, tinha um pajé de lá do outro lado, ele veio e passou na entrada.

Eles falaram: - Onde tu vai?

Dentro de uma canoa grande, ele falou que ele vai pra cima com finado Acen.

Eles disseram: - Há!, Você não vai passar.

Ele disse: - Como, eu vou passar.

Falaram: - Porque tem uma cobra, quando você chegar a um certo lugar, tem uma cobra que engole pessoas. Ele veio e, quando ele chegou acima da aldeia Anauera, ele sabia já que estava perto, passou para frente da canoa, fez seu cigarro e, quando chegou em frente do poço do Miriti, sentou-se na frente da canoa, as pessoas estão remando, ele chegou e viu a canoa onde as pessoas desciam por terra. Eles foram e, quando chegaram no poço do Miriti, o grande remanso se formou em frente a canoa deles. Ele só tirou o cigarro de sua boca e jogou bem dentro onde tinha se formado, acabou o remanso e eles passaram, vieram e chegaram com o finado Acen.

Eles falaram: - Como você fez de passar?

Ele falou: - Eu passei e não vi nada, vi um pequeno remanso dobrar.

Ele disse: - Então à tarde eles vão fazer cigarro pra mim.

Então à tarde eles chegaram e fizeram o cigarro. Ele cantou e mandou buscar a cobra.

Ele disse: - É ela que leva as pessoas.

Aí ele falou com as pessoas que estavam lá e perguntou se eles queriam que ele ajeitasse o lugar.

Eles disseram: - Sim.

Ele cantou, cantou até tarde um pouco e mandou a cobra ir embora, ela foi. E o pajé falou no outro dia de manhã para eles levarem ele lá no poço do Miriti. Eles foram e chegaram lá. Quando chegaram bem dentro do poço, ele pegou seu cigarro. Seu pequeno pacara estava em baixo de seu braço.

Ele disse: - Vocês podem voltar quando eu pular. Vocês vão escutar um barulho embaixo do kajari, um trovão.

Aí eles voltaram e ele pulou triste na água. Quando eles chegaram, já era de tarde, eles escutaram o barulho pra lá, um grande trovão, mal tempo. Ele foi e prendeu a cobra lá, ele virou sua cabeça e colocou embaixo do kajari deixando apenas o rabo.

Ele falou: - Amanhã, de manhã eu vou chegar.

Eles falaram: - Como esse homem vem?

De manhã cedo, quando deu oito horas, eles foram na beira do rio, eles então ficaram olhando, ele vem bem no meio do rio com o seu pakara¹⁷, e com sua coroa na cabeça e fumando seu cigarro. Quando ele chegou no porto em terra, as pessoas estão olhando, pegou seu cigarro, jogou na água, desceu, falou pra eles bom dia e andou em cima da água como se ele estivesse na terra.

Peguntaram: - Em cima do que você estava andando?

Ele disse: - Em cima do poraquê eu vim, vocês não viram o poraquê?

Responderam: - Aonde? niguém viu.

Passaram-se uns dois dias e ele foi embora para sempre.

III - *Txi Kuahi* (marca do croari pequeno)



Txi kuahi surgiu da pintura da cobra *kadaikaro* (cobra grande encantada), que morava na cachoeira do Jonis acima do rio Curipi, próxima à aldeia Japiim. A marca *txi kuahi* está presente no corte das penas de aves que servem para enfeitar o *koka*, flechas e *mahakas*, nos mesmos objetos que a marca *gho kuahi*.

Em entrevista com o Sr Manoel Floriano, ele nos contou o história de origem da marca *txi kuahi*, ela é muito importante para os Karipuna. Dona Veronica disse que a marca *txi kuahi* é uma marca feminina e que antigamente as mulheres usavam no rosto assim como a marca *pataje kasab*.

¹⁷ cesto de cipó para colocar os materiais do pajé.

Ixtua dji kulev dji so dji Jonis (em Kheuol)¹⁸

Lõtã i vin dis ki a ho li vin la ke so fam, ki ka hete la Bãtiõ, Bãtiõ

un ju, li dji li kale deie mãje la ho i fam-la pa dji pu uom-la si li te malad dji so van i ai li te puasõ, gẽ puasõ la li kale la hepot, ale kã li hive laba-la Voloko, li mauel, kunãni pu flexel un... ka fe sinal sem kõsa ke so lamẽ i om-la pagai pu fam-la pagai ke dis, om-la kã hegade deie oti pa ue fam, fam tõbe dji deie kãnu, li pa mem save ki tã li tõbe, dji la li hive gade li pa ue dji la mem li dehive vin, hive la Bãtiõ la te gãĩẽ paje la la li pale dji ke so fam tõbe deie kãnu ki li pa mem save ki sa la li dji ãã.. ẽbe la.

— Li dji: a kisa, li te malad dji so van?

— Li dji ui li te malad dji so van, me li pa dji mo aiẽ

Dimẽ asue fel sigal bai asue li fe sigal, kã bai uit li ka vin li fe so tukai, xãte, xãteli xãte puve sase fam, fam-la hive fam-la hive li kose ke li xãte ẽbe i ãsam.

— Sa kulev ki ale ke u fam, djimẽ ale la batxi tihel lapit fe kat kod nak, kat kod nak thoa pu mahe, pu mahe kohẽt pu mahe fam-la, no ke ale laho

L i ale bomãte li tihe lapit, li tihe fe kod nak.

Muxe-la dji: — djime no kale.

Kã bai lo ie ale li hive laba la Jonis

Li dji: — midji li ka vin ke flote phomie ki ka vin a..a om , a om-la ka vin phomie pa hete pe.

— Li dji no mo pa hete pe.

— U ke ale kã u ue fam-la ke vini kel te hive mo ke djil to

Li hete un bõ tã kã bai midji, li gade li flote li ka vin la so bansab, ka mõte pa pitxi gho kulev, li ale li ale mõte li hive, hãje so ko fam-la ka vin, a pa pitxi gho bet ãko gho kulev mõte li hive pitxi-la ke vin la pitxil-la mõteli li hive obo iel hete.

—Txebe sa ki la mitã puve pase kod la sol, ki li fika, puve pase mahel pul hetel pa hete pe dji uot hetel, ke kod, hetel ie kod kã li dji ue kã li dumãde padõ djila u ke lesel. Uot-la dehive, li ale pu dlo, kã li dumãde padõ, pajé-la ale pa fimel pa fimel pa fimel li dumãde padõ , pajé-la pa fimẽ tihe lapo ki te la sol tihe, tone mun.

Li dji: — ẽbe anu asue no ka xãte.

Asue ie hive, ie ãko xãte ie hive me fam-la pa ka gade biem la so sa tã deha li pa kom si li te vihe, hete uot fasõ, la pajé hive asue xãte ie xãte om-la hive, li vin sase so fam-la pa la so sa tã, ãko u le, pala su uot tã , pala sa, sa tã li ule ale pa fimel, fama-la te ãsam dji kulev deha.

¹⁸ Narrada por Sr. Manoel Floriano; transcrito e traduzido por Leandra Ramos Oliveira (áudio 00:04:39 min).

— Ëbe mo ke bai hemed pu li jite sa kulev-iela dji sovãn.

Li bai hemed li jite thoa pitxit kulev, la om-la tone, fam-la vihe, vihe un de thoa ju la li muhi.

História da cobra da cachoeira do Jonis (em Português)

Antigamente, vinham de cima. Ele veio com sua mulher que moravam no Bãtiõ, Bãtiõ. Um dia ele disse: “Eu vou atrás de comida lá pra cima.” A mulher não disse para o homem que ela estava doente da barriga.

Tem peixe, ele foi atrás, foi quando ele chegou lá no Voloko, ele mal viu tucunaré pra flechar um... fez sinal, fez assim com sua mão. Homem rema pra mulher, rema, quer dizer, o homem quando olhou atrás dele, cadê??? Não viu a mulher. A mulher caiu detrás da canoa, ele nem sabe quando ela caíu, daí ele virou olhou, ele não viu, de lá mesmo ele virou a canoa e veio. Chegou no Bãtiõ, tem um pajé lá, lá ele disse que sua mulher caíu detrás da canoa, que ele nem viu lá, ele disse ahh!..então.

Ele disse: - O que é? Ela está doente da barriga?

Ele disse: - Sim. Ela tá doente da barriga, mas ela não me disse nada.

No outro dia à tarde, fez cigarro, deu de tarde, ele fez cigarro. Quando deram oito horas, ele veio e fez seu tukai¹⁹, cantou, cantou, ele cantou para poder chamar a mulher.

A mulher chegou, a mulher chegou, ele falou com ela, cantou então, eles estão juntos.

“Essa cobra que foi com sua mulher, amanhã vai na roça tirar *lapit*²⁰ e faz quatro cordas de arco, quatro cordas de arco, três para amarrar, pra amarrar, acorrentar pra amarrar a mulher, nós vamos lá pra cima.” – o pajé disse

Ele foi de manhã, tirou curauá e fez cordas de arco.

O homem disse: — Amanhã nós vamos. Quando deu a hora, ele foi. Ele chegou lá no Jonis.

Ele disse: — Meio-dia eles vêm boiar, primeiro que vem é o homem, o homem está vindo primeiro, não fica com medo.

Ele disse: — Não, eu não vou ficar com medo.

— Tu vai quando tu ver a mulher vindo. Quando ela chegar, eu vou te dizer. Ele ficou um bom tempo. Quando deu meio-dia, ele olhou, ele boiou, ele está vindo sobre a areia,

¹⁹ tukai é o espaço onde o pajé realiza sua pajelança.

²⁰ *lapit* é um tipo de planta que utilizamos suas folhas para produção de corda.

quando ele subiu não era uma cobra pequena, ele foi, ele foi subindo, ele chegou, ajeitou seu corpo. A mulher está vindo, não era pequena, era um grande bicho, grande cobra subiu, ele chegou, a pequena vem, a pequena subiu, ela chegou do lado deles e ficou.

— Pega essa que tá no meio, pode passar a corda nela para ela ficar, pode amarrar pra ela ficar, não fica com medo da outra, fica com a corda, fica com ela na corda. Quando ela pedir perdão, tu deixa ela. As outras transformaram, elas foram para água. Quando ela pediu perdão, o pajé foi defumou, defumou, defumou, ela pediu perdão, o paje defumou, tirou a pele que estava sobre ela e ela se transformou em gente.

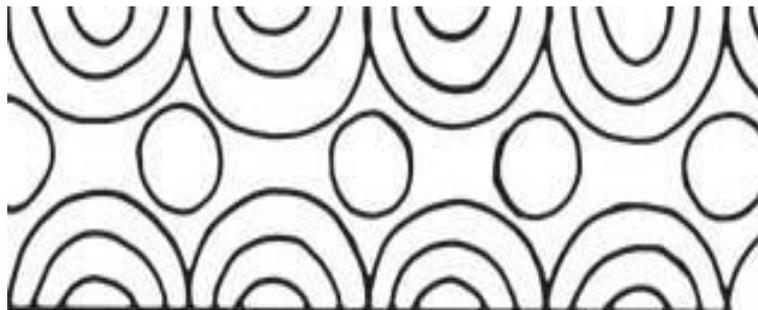
— Ele disse: — vamos à tarde, nós vamos cantar.

À tarde eles chegaram, cantaram de novo, eles chegaram, a mulher não olhava bem - nesse tempo já, como se ela tivesse transformado, ficado outra fase - ai o pajé chegou de tarde, cantou, quando ele cantou o homem chegou. Ele veio buscar sua mulher - não nesse tempo, mas no outro tempo – o pajé defumou a mulher, ela estava junto da cobra.

— Então eu vou dar remédio para ela jogar essas cobras da barriga dela.

Ele deu remédio, ela jogou três filhos da cobra. O homem voltou, a mulher transformou-se em gente, depois de três dias, ela morreu.

IV - Mak Kulev (marca da cobra sucuri)



Esta marca surgiu da cobra grande encantada *kairumaira*. A história sobre a origem da marca conta que um índio Palikur foi caçar e caiu em um grande buraco que o levou para o outro mundo onde vivia uma família de cobras grandes.

A marca *kairumaira* é usada em diferentes artefatos que fazem parte da cerimônia do *turé*, na cuia e adornos como pulseiras, anéis e colares. A marca com a pintura da cobra é feita no braço, costas e pernas dos homens, e nas mulheres, é feita na barriga e no braço.

Essa marca faz parte da cultura Karipuna, ela representa uma cobra encantada que somente os pajés têm contato com ela no momento que estão fazendo o ritual do *turé* e *chitótó*. Os Karipuna usam essa marca em homenagem à cobra *kairumaira*. A história da cobra *kairumaira* ficou conhecida também por causa dos vínculos familiares, através de casamentos entre Karipuna e Palikur.

Dona Veronica nos contou esta história, aqui fizemos um resumo.

Ixtua dji kulev Kairumaira²¹(em Kheuol)

Ëbe un uom, te gãië so batxi, i ale laxas, li tãde boku jako, aha ka hele. I dji:

— Mo kale gade.

Li ale, li maxe, maxe, li pa txihe ie, kã li hive la so kaz, li dji pu so fam:

— Mo ue tahot, aha, jako ie ka hele. La so pitxit dji:

— kote papa?

²¹Narrada por dona Veronica dos Santos; transcrito e traduzido por Kalina dos Santos e Leandra Ramos (vídeo 00:09:28 min).

Li dji:

— La dābua, pa ale mo pitxit, divet a kek betaj, dji kek gho paje-iela dji lōtā.

Un ju so papa-iela ale la batxi, li dji:

— Mo kale gade kote sa jako

I phā so flex, so nak, li ale, dji pi luē li tādē jako-iela ka hele, lasu dābua, ie ka vole, ie ka poze, i dji:

— A isi-la.

Li kumase maxe, gade tupatu. Thu dji gho kulev-iela te buxe ke fei-iela, kā li maxe, li tōbe lādā thu-la, kā li gade ki luvui so uei, li ue un gho lahi, i hete maginē, i dji:

— Mo kale lādā sa lahi-la, kale gade a kisa i gāiē.

Lādā ximē, li ue de kaz i un tximun ka jue obo, ēbe li ka sehe so ko, juk tā txikulev- la phā so lodo, li kumase sase tupatu, i dji: ,

— A makak, ki laba

I kuhil deiel, txiuom- la, kuhi li sehe so ko

— Pa kuhi mo makak, mo kōtāu, mo pa ka fe āiē, u ka sātibō. Mo gāiē mo papa ke mo mamā, i ale txue mājē u ke hete ke mo, pa deie āko lādā sa ximē-la, pase gāiē bet.

Li fe txiēdjē-la pe pul pale, ie kumase jue i vihe so uei deha kā li bai midji, li dji:

— Ānu mājē, u pa fē,

I dji:

— Mo pa fē

Li ka maginē, li ka tādē sa mākāuā -la ka hele, i dji:

— A laba mo papa-iela fika.

Li āthe lādā kaz, i txikulev dji:

— Ue sa lapo ki u ka ue, sa capa-iela a li no ka fuhe pu no ale phomenē, sa ki pitxi ki laba-la, no ke bai pu u, sa la mo pa, sa la djimo māmā, sa la a dji mo papa. Ia ale ke ki pi gho-iela.

Tximun ka maginē, kote li ke dhomi? Txisiapā mem kuxe li dhomi kā i leve li dji:

— Mo papa-iela ke hive samdji.

Ēbe solādjimē, li fe de gho ja plē ke kaxihi-la.

— Pase si mo pa fe sa, mo papa-iela ke mājēu.

Solādjimē ie tādē lohas i dji:

— Mo papa ka vini ke mo mama, midji ie ka hive

Ei kumase passe tahot kaxihi, kā papa-iela hive, kumase bai ie boku buesō, Ie kumase, hote li dji:

— Ie bõ.

So mama-la gade, idji:

— kote papa-la, gāiē un bagaj isi la, lādā no kaz ki ka sātixibõ, u ka phā sa lodo makak.

I dji:

— U gāiē kek makak isi-la?

Ie dji:

—Māmā mo ke pale um bagaj pu zot, mē pa zot māge mo makak, si nō mo ke mahõ dji zot.

Ie dji:

—Nõ mo pitxit no vān plē, no pa ka txue u makak, potel.

Ie phā txiuom ie luxel, ie santil txiēdjē, li pe, ēbe ie pa txue txiēdjē. Ke passe dji tā txiēdjē hete gho.

Un bõ ju ēdjē lese kulev-iela dhomi, i dji:

— Mo kale laba ke mo papa.

Li phā gho ximē-la, i ale, li tāde ara- iela ka hele i dji:

— A la mo tōbe.

La li ale li sotx i dji:

— A bohisi ki kaz dji mo papa fika

Kā li hive la ka dji so papa-iela, li te pa puve coxte ie, pukisa li hete lõtā la kaz dji kulev-iela, li te ka sātixi lodo dji fuexē la so ie, So māmā dji:

— Kote u fika

Li hepon:

— Mo te kote thoa kulev, mo hēg vini dji pu zót, si zót le mo vini kote zót, ēbe zót txue de kulev ki pi gho ,zót fe sã flex dji pie mahipa, sēkāt pu un i sēkat pu uot-la, zót ale, zót txēbe un aha zót ka mete hake thu-la, lese i hele, kā ue li ke vini zót ke tāde lohas, sufle, phomiē li ke mete so lāg deho kōsa, kōsi un gho dji fe, kā li sotxi deho, zót flexe-li mem, zót ke txuel, mo kale pase ie phox leve deha.

kā bai samdji, midji ie fini dji fe so flex-iela.

ie txēbe aha, ie mete obo thu i fe li hele, phomiē un kulev sotxi, ie flexel i txue papa -la uot-la ka vin deie a māmā-la ie txue ie tulede. Txikulev dji pu txiēdjē-la:

— Anũ gade no papa-iela kote ie fika,

kā ie sotxi ie gade, txikulev-la dji:

—Ie txue mo papa ke mo māmā anũ ale.

Ie phā tut kalite bet ki li te gāiē, ie mete lādā ie gho bato ie ale.

História da cobra Kairumaira (em Português)

Então, um homem tinha sua roça, ele foi caçar, ele escutou muitos papagaios, arara, gritando.

Ele disse:

— Eu vou olhar. Ele foi, andou, andou, ele não atirou neles. Quando chegou na sua casa, ele disse para sua mulher:

- Eu vi muitas araras e papagaios gritando. Seu filho perguntou:

— Aonde pai?

- Ele disse: — Lá no mato, mas não vai lá meu filho, talvez seja alguma criação de bichos dos grandes pajés de antigamente.

— Um dia os pais do menino foram para a roça, ele disse:

— Eu vou olhar onde estão esses papagaios.

Ele pegou sua flecha e seu arco e foi. De longe escutou os papagaios gritando, voando e posando sobre o mato. Ele disse:

— É aqui.

Começou a andar, olhando por toda parte. Tinha um buraco das cobras grandes que estava tampado com folhas, quando ele andou por cima, ele caiu dentro do buraco. Quando abriu seu olho viu um grande caminho, ficou pensando, e disse:

— Eu vou por este caminho para ver o que tem nele.

No caminho viu duas casas e uma criança brincando —que era uma cobrinha - ao lado, então ele se escondeu até que a cobrinha sentiu seu cheiro, e começou a procurar em toda parte, e disse:

— É um macaco que estar lá.

A cobrinha correu atrás da criança que se escondeu.

— Não corre meu macaco, eu gosto de ti, não vou fazer nada contigo, tu está cheiroso.

Mas eu tenho meu pai com minha mãe, eles foram matar comida, tu vai ficar comigo, mas não vai novamente por esse caminho, porque tem bicho.

Ele fez o indiozinho ficar com medo, para ele não voltar. Eles começaram a brincar. Quando deu meio dia, a cobrinha perguntou:

— Vamos comer, tu não está com fome?

Ele disse:

— Eu não estou com fome.

Ele já estava pensando, ouvindo os mãkãũã gritando é disse:

— É lá que os meus pais estão.

Ele entrou na casa, a cobrinha disse:

— Essa pele que tu está vendo são capas que nós vestimos para ir passear. Esta pequena que está lá, nós vamos dar para você; esta é minha, essa é da minha mãe, e essa é do meu pai. Eles foram com as maiores.

O menino pensou, onde ele vai dormir? E a cobrinha deitou e dormiu, quando acordou, disse:

— Meus pais vão chegar sábado, nós vamos fazer caxixi amanhã,

Então no dia seguinte eles fizeram dois potes grandes cheios de caxixi.

— Pois se eu não fizer isso, meus pais vão te comer.

No dia seguinte, eles escutaram trovão ele disse:

— Meu pai está vindo com minha mãe, meio-dia eles estão chegando.

Eles começaram a coar bastante caxixi, quando seus pais chegaram, começaram a dar bastante bebida para eles.

Eles começaram a arrotar, ele disse:

— Tá bom.

Sua mãe olhou e disse:

— Cadê seu pai, tem uma coisa, aqui dentro da nossa casa que está cheirando, tu está sentindo este cheiro de macaco?

Ele disse:

— Mãe eu vou falar uma coisa pra vocês, mais não é pra vocês comerem meu macaco,

Eles disseram:

— Não meu filho nossa barriga está cheia, nós não vamos mata teu macaco, tráz ele.

Eles pegaram lamberam e cheiraram o indiozinho, ele estava com medo. Então eles não mataram o indiozinho. Com o passar do tempo o indiozinho cresceu.

Um dia o índio deixou as cobras dormirem e disse:

— Eu vou lá com meu pai,

Ele pegou um grande caminho, e escutou as arara gritando, e disse:

— É aqui que eu caí.

Ele foi e saiu e disse:

— É pra cá que a casa do meu pai fica. Quando chegou na casa de seus pais, ele não podia encostar neles, devido ao tempo que estava morando com as cobras, ele sentia cheiro de pitiú neles. Sua mãe disse:

— Onde você estava?

Ele respondeu:

— Estava com três cobras, eu vim apenas dizer para vocês, se querem que eu volte aqui com vocês, então é para vocês matarem as duas cobras maiores, vocês façam cem flechas da árvore do inajazeiro, cinquenta flechas para uma e cinquenta para outra, quando vocês terminarem de fazer as flechas vocês pegam uma arara colocam perto do buraco e deixam ela gritar, quando elas vierem, vocês vão escutar, trovão, assopro, primeiro ela vai colocar sua língua para fora como um grande fogo, quando ela sair pra fora, flecham até matar elas, eu já vou porque eles já estão quase acordando.

Quando foi sábado, meio-dia eles terminaram de fazer suas flechas pegaram a arara e fizeram ela gritar perto do buraco, a primeira cobra saiu eles flecharam, e mataram o pai, a outra esta vindo atrás, era a mãe eles flecharam e mataram as duas. A cobrinha disse para o indiozinho:

— vamos olhar nossos pais onde eles estão

Quando eles saíram e olharam a cobrinha disse:

— Eles mataram meu pai com minha mãe, vamos embora.

Eles pegaram todo tipo de bichos que eles tinham colocaram dentro de um grande barco e foram embora.

Assim dona Veronica finaliza a história:

Pase no mem, lasu sa tã, no sa makak pu ie.

Pois nós mesmos, nesse tempo, para eles nós eramos macaco,

V - **Kai Totxi** (marca do casco do jabuti)



Esta marca é o formato do desenho do casco do jaboti, que vive na mata fechada e nos campos. A marca *kai totxi* é feita no braço, nas pernas e nas costas tanto dos homens quanto das mulheres. Ela é desenhada, também, nas cuias, nos adornos como: pulseiras e colares que são feitos com miçangas. O povo Karipuna usa essa marca porque acredita que o jabuti é um animal misterioso, inteligente, esperto e resistente, que representa vida longa apesar de ser lento.

Dona Veronica diz, quando conta a história, que - totxi lõtã ie te sa mun uakhe no - o jabuti antigamente era gente como nós.

Ixtua Dji Totxi Ke Vã²²(em Kheuol)

Totxi dji pu vã:,

— Mo ke phã ke pitxit vué

Vã dji:

— Há u pa ke phã ke pitxit dji vué, pase a mo ki ke phã ke pitxit dji vué ,mo ka kuhi paseu,

Totxi hepon:

— A mo ka kuhi paseu,

Vã dji:,

— kote totxi gade sa u txi pat-la, kumã u ka hive ãvã mo, ãnũ bat,

²²Narrada por Veronica dos Santos; transcrito e traduzido por Kalina dos Santos (vídeo 00:02:00 min).

Totxi maginë, ki li pi malê pase vã, i phã so kamahad-iela li mete un deie uot, pu juk tã hive hake kaz dji vué. Totxi sa ki ke phã ke pitxit dji vué-la, li fika âba kaz, vã dji:

— U pahe totxi.

Uot la hepon, i dji:

—Ui, êbe ânũ

U ka tãde vã ka vini, i ka hizonê i ka vini, totxi âba kaz, kôsa kã ue i te gãiê, un djixtãs phoxo dji kaz dji vué, totxi môte âdjidã kaz-la, i phã i ka phase txifam-la, osi vã hive i dji:

— Nõ totxi mo pa khe, ki u hive avã mo, u kuhi sa kuhi-la,

Totxi dji:

— Ui, mo te ka vin te ka xãte,

— Êbe môtthe u xãte pu mo.

a.. iõgõ.... mo ka iõgõ... mo ka iõgõ...

—Si mo mem ki ke phã ke pitxit dji vué....

a iõgõ mo ka iõgõ, mo ka iõgõ, a iõgõ, mo ka iõgõ...

Totxi maie ke pitxit dji vué.

História do jabuti com o vento (em Português)

O jabuti disse para o vento:

— Eu vou casar com a filha do urubu rei

O vento disse:

— Eu que corro mais do que você, ah! tu não vai casar com a filha do urubu rei, porque é eu que vou casar com a filha do urubu rei, eu corro mais do que você,

O jabuti responde:

— É eu que corro mais do que você.

O vento disse:

— Quando jabuti? olha essa tua patinha, como tu vai chegar antes de mim? então vamos apostar.

O jabuti pensou, que ele é mais esperto do que o vento, ele pegou seus amigos, colocou um atrás do outro para chegar perto da casa do urubu rei. O jabuti ficou embaixo da casa, o vento disse tu está pronto jabuti?

O outro respondeu:

— Sim!

- Então vamos!

Quando o vento estava vindo, vinha fazendo barulho o jabuti estava embaixo da casa do urubu rei, quando ele viu que estava próximo da casa do urubu rei, o jabuti entrou na casa, pegou a menina e a abraçou. O vento chegou e disse:

— Não jabuti eu não acredito que você chegou antes de mim, você correu toda esta corrida;

O jabuti disse:

— Sim, eu vim cantando.

— Então mostra tua cantiga para mim, então ele cantou:

a.. iõgõ.... eu estou iõgõ... eu estou iõgõ...

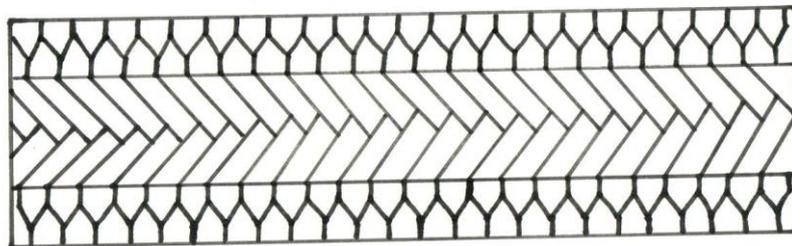
— Sou eu mesmo que vai casar com a filha do urubu rei....

a.. iõgõ... eu estou iõgõ... eu estou iõgõ...

Assim, o jabuti casou com a filha do urubu rei.

A história nos mostra que o jabuti, mesmo sendo lento, ficou sendo mais esperto do que o vento.

VI - Mak Kai Atxipa (marca escama de tamatá),



Este nome é referente a escama do peixe tamatá, que vive em áreas de poços de lama no campo na época da seca. A marca *kai atxipa* é feita em objeto de uso doméstico como cuia, e trançados, tipiti, abanos, peneiras e *pakará* (uma espécie de pequeno cesto, que serve para guardar os objetos que o pajé usa nos rituais dele). Na pessoa, ela é feita nas costas, braços e pernas dos homens, e nas mulheres é feita no braço e perna, ela aparece também na trança que as mulheres fazem no cabelo.

A marca *kai atxipa* é usada porque simboliza fartura na época da seca.

VII - Mak Kai Txuhi (marca da escama do pirarucu)



A marca da escama do pirarucu, um peixe grande muito conhecido por possuir uma carne de boa qualidade para alimentação, transmite conhecimento de organização e união. É pintada nas cores vermelho e preto. A marca *kai txuhi* é feita no peito e nas costas dos homens e, nas mulheres, é feita nas pernas. Essa marca pode ser feita, também, nos bancos e mastros que ficam no *laku*, e nas cuias. A escama do pirarucu é usada para fazer adornos como brinco, colar e saia usada na dança do *turé*.

O uso da marca *kai txuhi* é importante para o povo karipuna porque ela transmite conhecimentos e ensinamentos que são seguidos até os dias atuais pela comunidade Karipuna. Dona Veronica nos conta a história do pirarucu que faz parte da mitologia Karipuna.

Ixtua Dji Obãni²³(em Kheuol)

Un ju, un txifãm ke so nõ a te Ubãni, li ale plẽ dlo kote un gho pi dlo, joli. La un ju li tãde mun ka xãte ofõ pi.La, li hepon:

Li xãte,

Obãni..... Obãni... Obãni... o sa.. Obãni... Obãni.. o sa.. sa djilo sãbakõba, bamo djilo, o lã dji o sa..

Li hepon mem xãte –la, kõsa li gade gho pusõ vole, joli gho puasõ, la li vihe un joli jonjã, i vini li dji:

—Obãni, u kõtã mo, êbe anũ deie no kõpãie ?

I dji:

²³ Narrada por dona Veronica dos Santos; transcrito e traduzido por Leandra Ramos Oliveira (vídeo 00:05:38 min).

— Ui mo kōtāu

I dji:

— I u māmā?,

— Mo māmā la batxi ie ka thavai

I dji: xak midji u ke vin kōthe mo isi la.

Tuleju Obāni phā so kalbas plē ke dlo, la mem gho puasō vole i ale, li hive, fe so menaj la so kaz. kā li bai solā djimē, midji, li xāte kōsa gho puasō-la.. flote, li flote li vihe mun, ie koze. La so i te gāiē un txifue, so txifue li vini deiel. li ue li ka koze ke bōnom ke.. jonjā-la. Asue kā so māmā hive.

Li dji: māmā Obāni ka deie un uom, i a un joli uom, i ke phā ke li.

Māmā-la dji: A u ka fe mātō mo pitxit, kote isi la iāpuē mun, iāpuē no.. ofō dābua no luē, iāpuē mun.

I dji: ēbe li gāiē, Obāni gāiē un bhuez.

La li vihe, vihe i pale pu so papa, ke, so só gaiē so.. mun

Ēbe papa-la dji: mo ke txuel, u konet so xāte,

I dji: ui mo konet,

Solā djimē papa-iela dji: Kote Obāni.

U kale sekle la batxi, no ke hete la kaz, li dji ēbe ui, bono i bhā so kalbas dlo i ale,

— Mo ke hive avā midji

La so papa dji: Pa vini, bomātē hēk asue pu hive

I ale, kā bai midji, txiom-la ale i xāte, gho puasō - la vini, la li fe phomiē kut flote ponē gho puasō, ie txiuel, ie thipel, ie kaiel, ie tihe, so txibut latxio, tōbe ofō, ie kupe, ie fe gho bukānē, fut joli gho bukānē, asue Obāni hive, li ale plē dlo li hive i xānte, tāde li hepon, mal... mal.. txibonom-la deil, i kale gadel, la li xāte āko la li hepon li kumase ātehe, so jam, li ka xāte li ka ātehe i kale pu ofō, kā dlo deha te la so pothin tximun kuhi i i dji pu so papa: papa zót ale gade Obāni, Obāni kale li ka... mahō li ka ātehe lādā late, kōsa juk tā, pu papa-la kuhi, i hive hē so xive kōsa te ka phet, li txēbe la so xive pu li halel, i ale pu ofō

Ēbe, pukisa, sa puasō lōtā, no te pa batxize, tut kalite bagaj, te kale ke no pu ofō dlo, pase a.. bet dji ofō dlo,

História de Obãni (em Português)

Um dia, uma menina que se chamava Obãni, foi buscar água em um grande poço de água bonita. Um dia ela ouviu uma pessoa cantando no fundo do poço. Ela respondeu cantando - Obãni..... Obãni... Obãni... o sa, sa djilo sãba kôbã, bamo djilo , o lâ dji o sa. A pessoa respondeu o mesmo canto, de repente, um grande peixe pulou de dentro do poço e virou um bonito rapaz. Então, ele veio e disse:

— Obãni, tu gosta de mim, então vamos ficar juntos?

Ela disse:

— sim eu gosto de você

Ele disse:

— E tua mãe?

— Minha mãe está na roça, trabalhando,

— Ele falou: Todo meio-dia você vem encontrar comigo aqui.

Assim, todos os dias, Obãni pega seu balde enche com água, aí o grande peixe pula e se transforma no belo rapaz.

Ela foi, ela chegou, fez seu café da manhã na sua casa. Quando foi no outro dia, ao meio-dia, ela cantou e novamente o peixe grande pulou e se transformou em gente, e eles ficaram conversando.

Mas ela tinha um irmão pequeno que veio atrás dela. Ele viu ela conversando com o homem com... o rapaz bonito. À tarde quando sua mãe voltou, ele disse:

- mãe Obãni esta indo atrás de um homem, ele é um homem muito bonito e ele disse para Obãni que ele vai fica com ela.

A mãe disse: Você está mentindo meu filho, aqui não tem outras pessoas, nós estamos no fundo da mata, nós estamos longe, não tem outras pessoas.

Ele disse: então ela tem, Obãni tem um namorado,

Ai, ele virou, virou e falou para o seu pai, que sua irmã tem um homem.

Então o pai disse: eu vou matar ele, você conhece a cantiga dele?

Ele disse: sim eu conheço.

No dia seguinte seus pais falaram para Obãni,

- Você vai capinar na roça, nós vamos ficar em casa. Então, cedo ela pegou seu balde de água e foi. ela disse:

— Eu vou chegar antes do meio-dia.

Aí seu pai disse:

- não volta de manhã, volta à tarde.

Ela foi, quando deu meio-dia, o pai dela foi ao poço e cantou, o peixe grande veio, ele deu o primeiro pulo, o pai rapidamente arrou o peixe grande, eles o mataram, escamaram e tiraram a tripa, tiraram um pequeno pedaço do rabo que caiu no fundo da água. Com a carne do peixe fizeram um grande moqueado. À tarde Obãni voltou e foi encher seu balde de água, chegando lá ela cantou e não ouviu ele responder. O seu irmãozinho estava atrás dela, ela cantou novamente e ele não respondeu. Ela começou a afundar, sua perna, ela estava cantando e afundando. Quando a água estava no seu peito o menino correu e falou: papai vá olhar Obãni, a Obãni está afundando, ela está fugindo, ela está enterrando na terra. O pai correu, quando ele chegou, só aparecia o seu cabelo. Seu pai pegou e puxou pelo cabelo, mas ela foi para o fundo.

Segundo dona Verônica, esses encantamentos aconteciam porque antigamente o peixe pirarucu era um peixe encantado que se transformava em um rapaz bonito que encantava as moças, principalmente se a moça estivesse sozinha e no período menstrual não pode tomar banho nos rios, igarapés ou cachoeiras, pois os bichos, que são os donos dos lugares podem se agradarem delas e levarem para o outro mundo. Quanto aos rapazes, não podem ir caça sozinhos na mata, em lugares longes porque, para nós indígenas, a natureza é misteriosa, temos que ter respeito com tudo que está ao nosso redor, quando a pessoa chega em algum lugar tem que pedir licença para o dono.

VII - Mak Ahukamã (marca da estrela d' alva)



A marca *Ahukamã* é representada pela grande estrela-d'alva que, antigamente, o povo Karipuna se guiava por ela à noite na aldeia, na mata e no mar quando estavam caçando. Hoje, os mais velhos ainda se guiam por ela à noite. A marca do *ahukamã* é reproduzida em objeto de uso doméstico como cuia, e em adornos como pulseiras, colares, e como pintura corporal. Ela pode ser usada por homens e mulheres nas pernas, no peito e/ou nas costas.

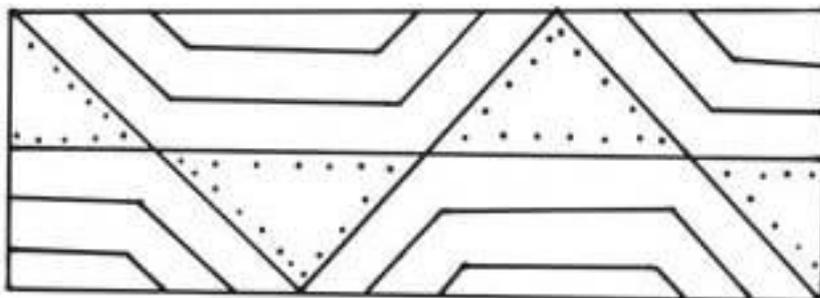
Dona Veronica diz que:

“antes do dia amanhecer, quando estamos no nosso terreiro dançando as nossas danças, ela sai bonita no céu, sobre a maresia, tu olha, então, nós cantamos, porque ela tem o cântico dela”.

wahokamã, wahokamã,
wahokamã, kapōtopo...
wahokamã, wahokamã...
wahokamã, kapōtopo...
...a sa so xãte,
...É essa sua cantiga.

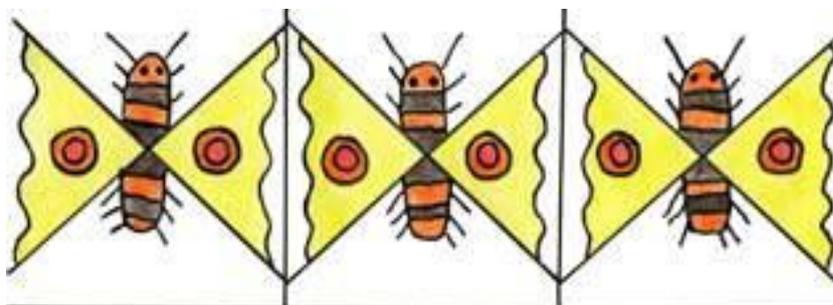
Está marca é importante porque até os dias atuais as pessoas a usam para se orientarem à noite, é também importante para mostrar os ensinamentos que os nossos antepassados deixaram para nós, que são passados de geração em geração.

IX - Mak mōtāi Kajahi (marca da montanha kajari)



Dona Veronica diz que a montanha kajari tem muitas histórias de antigamente. Ela conta que muitas pessoas trabalhavam nessa montanha. É uma montanha muito alta, de difícil acesso e que em cima dela tem um lago muito bonito onde o dono que cuida dele. Esse lago nem todos que vão até à montanha o enxergam porque ele é um lago misterioso que tem muitas riquezas como várias espécies de animais, muitas caças e aves. A marca da montanha representa o lugar onde moram muitos dos seres sobrenaturais, os *karuãnas*. Essa marca é feita no braço dos homens porque eles costumam caçar na montanha, sendo essa uma forma de agradecer os *karuãnas*.

X - Mak Papiō (marca da borboleta)



A marca *Papiō* representa as borboletas do verão, são seres sobrenaturais que vêm da mata, dos campos e do mar. Quando estão neste mundo, são muito sensíveis. Sua cor amarela se destaca no seu voo. Quando estão dançando, que para nós, que estamos nesse tempo, elas estão apenas voando em grande quantidade. Elas gostam de posar em areias perto do rio e

savanas. Essa marca é feita em objetos como a cuia e em adornos como pulseiras e colares. É uma marca feminina, somente as mulheres podem usar, seja no rosto, nos braços e nas pernas.

Nesta parte vimos que as marcas fazem parte das histórias, cantos dos pajés e na vida cotidiana dentro da comunidade. Elas podem ser feitas umas agregadas às outras, criando novas marcas mas, conservando o significado inicial. Aqui apresentamos as marcas: *Mak Pataje Kasab* (beiju cortado), *Mak Dãdlo* (marca da maresia ou dentes d'água), *Mak Gho Kuahi* (marca do croari grande), *Txi Kuahi* (marca do croari pequeno), *Mak Kulev* (marca da cobra sucuri), *Kai Totxi* (marca do casco do jabuti), *Mak Kai Atxipa* (marca escama de tamatá), *Mak Kai Txuhi* (marca da escama do pirarucu), *Mak Ahukamã* (marca da estrela d'alva), *Mak Mõtãï Kajahi* (marca da montanha kajari), *Mak Papiõ* (marca da borboleta). Em algumas delas nós tivemos histórias associadas às suas origens. Como falamos acima, identificamos vinte e nove marcas, além das onze que apresentamos, tem dezoito, que são: *mak djiab dãbua* (marca do kurupira), *mak dji om ke fam* (marca do homem com a mulher), *mak jiboi* (marca da jiboia), *mak sini* (marca do lagarto), *mak kaimã* (marca do jacaré), *mak bhãx uasei* (marca da folha do açáí), *mak koklix dji batxi* (marca do caracol da roça), *mak latxo kunãni* (marca do rabo do tucunaré), *mak latxo puasõ* (marca do rabo do peixe), *mak ximẽ lavi* (marca do caminho da vida), *mak ximẽ fomi* (marca do caminho da formiga), *mak ximẽ siapã* (marca caminho da cobra), *mak txig* (marca da onça), *mak ahẽiẽ* (marca da aranha), *ximẽ kahupin* (marca do caminho da caropina), *ximẽ koklix* (marca do caminho do caracol), *mak khapo* (marca do sapo), *mak dji koklix dji ofõ dãbua* (marca do caracol do fundo da mata).

Assim, a partir deste trabalho concluímos que esse universo das marcas é infinito pois, além dessas citadas neste trabalho existem as que ainda não conhecemos e que apenas os grandes pajés conhecem, portanto, sempre irá existir e surgir novas marcas representando a vida do povo Karipuna da terra indígena do Uaçá.

6. Considerações finais

A escolha de fazer um estudo sobre a marca *pataje kasab* é de grande importância para a compreensão e conservação da cultura Karipuna da aldeia Manga. A realização desta pesquisa tem o objetivo em resgatar o valor das nossas raízes deixadas pelos nossos antepassados como as marcas indígenas, que com elas vêm os cantos, histórias, lenda e os mitos que fazem parte do nosso patrimônio cultural.

Foi um trabalho desenvolvido com muito entusiasmo, apesar de termos encontrado muitas dificuldades devido a resistências de alguns idosos em darem entrevistas, principalmente por conta de sua religião evangélica que não os permitiam que eles falassem e nem praticassem seus rituais indígenas. Mas, apesar desses empecilhos, encontramos pessoas que nos forneceram informações que enriqueceram o nosso trabalho. O contato com as pessoas mais idosas nos fez refletir o quanto a nossa cultura está sendo afetada por outras culturas, principalmente no que se refere ao uso das marcas e ao conhecimento das mesmas. Este trabalho pretende dar um impulso à valorização dos nossos saberes, buscando documentar, registrar informações que ainda estão ativas nas memórias dos nossos idosos e mostrar para eles que através deles podemos trazer muitas coisas da nossa cultura que estão esquecidas, mas que ainda podemos resgatar, com a ajuda deles, o nosso outro.

Quanto a este trabalho sobre as marcas indígenas Karipuna, ele fornece também um conjunto de material de pesquisa levantado que possa contribuir futuramente as escolas Karipuna. Para tanto, nós optamos em registrar por meio de áudio e vídeo todas as informações relativas às marcas, suas histórias, mitos e cantos, como forma de oferecer aos Karipuna mais informações sobre a nossa história e ainda para que nós possamos analisar a nossa realidade no intuito de melhor defender os nossos direitos indígenas. O enfoque sobre a marca *pataje kasab* é de fornecer mais informação sobre ela e, melhor, reforçá-la, mostrando sempre a todo conjunto a relação desta com a mulher indígena Karipuna.

Sabemos que este trabalho não termina aqui, ele pretende possibilitar assim, novas pesquisas e documentários para garantir a valorização das marcas e das outras que existem para as futuras gerações. Este estudo nos proporcionou um conhecimento aprofundado sobre as marcas indígenas da aldeia Manga, principalmente com relação a marca *pataje kasab* e sua relação com o universo feminino da aldeia Manga.

7. Glossário

Koka- coroa de pena

Butxie- buque de flores feito de penas

Kalēbe- vestimenta masculina produzida de tecido vermelho

Khãmãiook- macaxeira

Napi dus- batata doce

Nãã- abacaxi

Kan- cana

Fakai- taruba (objeto feito de madeira)

Mãmã-solei- besouro conhecido como mãe-de-sol

Kabe- Casa de farinha

Pataje kasab- beiju cortado

Sinal- flauta feito de bambum

Kui- cuia

Mahaka- maraca

Mak- marca

Dãdlo- marca da maresia ou dentes de água.

Gho- grande

Txi- pequeno

Kulev-cobra

Mõtãï kajahi- motanha do kajari

Papiõ- borboleta

Xãte- cântico, cantar ou cantando

Vã- vento

Solei- sol

Língua originária

Kairumaira- nome dado ao indiozinho quando se transformou em cobra

Kai- escama ou casco de animais

Totxi- jabuti

Atxipa- tamatá

Txuhi- pirarucu

Ahukamã- estrela d'alva

Tapohomõ- pote de barro

Kadaikaro- cobra grande encantada

Aramari- cobra grande

Kuahi- croari

Chitótó- um tipo de cantarola feito em casa pelo pajé

Hoho- anão

Laku- cercado onde se dança o *turé*

Karuana- seres invisíveis

8. Entrevistados

Veronica dos Santos Karipuna

Idade: 72

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Curipi BR156 KM 50

Trabalha na roça, é pajé, parteira e casica na comunidade.

Tempo de entrevista: 48:98min

Manoel Floriano dos Santos

Idade: 62

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Manga

Trabalha: artesão e agricultor

Tempo de entrevista: 11:03min

Joel dos Santos

Idade: 55

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Manga

Trabalha: artesão

Tempo de entrevista: 02:03min

Leôcio dos Santos Oliveira

Idade: 53

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Manga

Trabalha: agricultor e fiscal na escola

Tempo de entrevista: 1:13 min

Fatima Forte dos Santos

Idade: 54

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Manga

Trabalha: agricultora, pajé e artesã

Tempo de entrevista: 11:07 min

Maria Raimunda dos Santos da Paixão

Idade: 62

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Manga

Trabalha: agricultora e artesã

Tempo de entrevista: 02:48 min

Estácio dos Santos

Idade: 48

Etnia: Karipuna

Mora na aldeia Manga

Trabalha: Professor

Tempo de entrevista: 09:41 min

9. Referência bibliográfica

CASTRO, E. *Artefato e matérias primas dos povos indígenas do Oiapoque*. 1.ed. São Paulo: IEPE- Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2013.

RIBEIRO, B.G. *Dicionário do Artesanato Indígena*. São Paulo: Ed. Itatiaia Ilimitada, 1988.

RUFFALDI, N.; SPIRES, R. *Os povos indígenas no Pará e Amapá*. Belem: Mensageiro, 2002.

TASSINARI, A. M. I. *No Bom da Festa: O Processo de Construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VIDAL, L. B. *Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver*. 2 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

VELTHEM, L. H.; LINKE, I. L.V. *Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut pampilar- Aparai zonony imenuru papeh*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI / IEPE, 2010.

ANDRADE, U. M. (Org.). *TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque*. Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do Índio, IEPÉ, 2009.

Eudico Language Annotation (ELAN). Criado por Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands. Sloetjes, H., & Wittenburg, P. (2008). Annotation by category – ELAN and ISO DCR. In: Proceedings of the 6th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2008).

Disponível em URL: <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

ANEXO